



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA - CCEN
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

JOSÉ GUEDES GOMES NETO

**O ENSINO DOS COMPONENTES FÍSICO-NATURAIS NA FORMAÇÃO
INICIAL DOS DISCENTES DO CURSO DE LICENCIATURA EM
GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB):
DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

João Pessoa – PB

2025

JOSÉ GUEDES GOMES NETO

**O ENSINO DOS COMPONENTES FÍSICO-NATURAIS NA FORMAÇÃO
INICIAL DOS DISCENTES DO CURSO DE LICENCIATURA EM
GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB):
DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Curso Licenciatura em Geografia do
Departamento de Geociências do Centro de
Ciências Exatas e da Natureza, da
Universidade Federal da Paraíba, como
requisito para obtenção do título de
Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Joel Silva dos Santos

João Pessoa – PB

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

G633e Gomes Neto, José Guedes.

O ensino dos componentes físico-naturais na formação inicial dos discentes do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB): desafios e perspectivas / José Guedes Gomes Neto. - João Pessoa, 2025.

25 p. : il.

Orientação: Joel Silva dos Santos.

TCC (Curso de Licenciatura em Geografia) -
Modalidade Artigo Científico - UFPB/CCEN.

1. Formação inicial. 2. Ensino de geografia. 3. Crise ambiental. 4. Componentes Físico-naturais. I. Santos, Joel Silva dos. II. Título.

UFPB/CCEN

CDU 91(043.2)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido força para percorrer esse caminho na graduação, por ter me guiado nos momentos de dificuldade, e por nunca ter me abandonando quando sempre precisei.

A minha família, em nome dos meus pais, Júnior e Cássia, e do meu irmão, Bruno, agradeço profundamente a vocês que sempre foram os maiores incentivadores para que eu seguisse no curso, e sempre foram eles que me acolheram nos momentos que mais precisei.

As minhas Avós, Tias, Tios, Primos e Primas, que também contribuíram direta e indiretamente, e me apoiaram no decorrer da minha graduação. Meu muito obrigado por sempre me apoiarem e estarem torcendo por mim.

Agradeço profundamente ao meu orientador Joel Silva dos Santos, que me prestou todo suporte não só para a produção desse trabalho, como também em vários momentos do decorrer do curso, me proporcionando bastante conhecimento, e sempre me motivando em vários momentos.

Gratidão aos professores do curso, que participaram da minha formação, me proporcionando bastante conhecimentos, e que incentivaram nesta caminhada.

Ao Projetos de Ensino através do PIBID 2022/2024 da Geografia (UFPB), e aos Projetos de Extensão e Pesquisa através do LOGEPA/UFPB. Meu muito obrigado por me proporcionarem grandes experiências que contribuíram para minha formação.

Agradeço também aos amigos e aos colegas do curso, que compartilharam seus conhecimentos e suas vivências durante todo o curso. Grato também pelas vivências diárias aos colegas que compartilharam o ônibus do município de Rio Tinto – PB.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GEOGRAFIA

Resolução N.02/2021/CCBLG/CCEN/UFPB

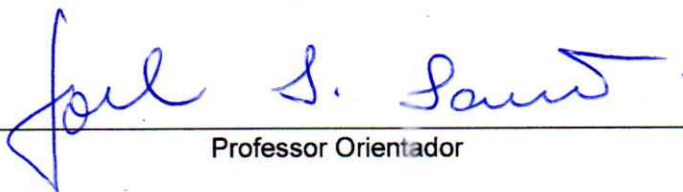
PARECER DO TCC

Tendo em vista que o aluno (a) José Guedes Gomes Neto (X) cumpriu () não cumpriu os itens da avaliação do TCC previstos no artigo 25º da Resolução N. 02/2021/CCBLG/CCEN/UFPB somos de parecer (X) favorável () desfavorável à aprovação do TCC intitulado: O Ensino dos componentes físico-naturais na formação inicial dos discentes do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB): Desafios e Perspectivas

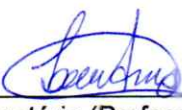
Nota final obtida: 9,0 (nove)

João Pessoa, 03 de outubro de 2025.

BANCA EXAMINADORA:



Professor Orientador



Membro Interno Obrigatório (Professor vinculado ao Curso)



Membro Interno ou Externo



O Ensino dos Componentes Físico-naturais na formação inicial dos discentes do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB): Desafios e perspectivas

José Guedes Gomes Neto

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof. Dr. Joel Silva dos Santos

Orientador – Universidade Federal da Paraíba – UFPB

RESUMO

A educação geográfica vem ganhando cada vez mais destaque e preocupação, no que diz respeito, às temáticas socioambientais e ao ensino dos componentes físico-naturais. A necessidade do ensino contextualizado, holístico e interdisciplinar possibilita o emprego da nomenclatura Componentes físico-naturais para retratar os elementos do quadro natural – rocha, relevo, solo, clima, vegetação, rios – trabalhados de forma integrada na compreensão do espaço geográfico. Vale salientar, que muitas vezes tais temáticas são estudadas de forma cartesiana e dicotomizada nos cursos de formação de professores, o que compromete a didática do professor de Geografia na escola básica. Dessa forma, a presente pesquisa manifesta-se na compreensão de como ocorre o ensino dos componentes físico-naturais na formação inicial no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Para a realização da pesquisa, foi realizado inicialmente um levantamento bibliográfico a respeito das temáticas em questão. Em seguida foi aplicado questionário temático por meio do software Google Forms com alguns discentes do curso no intuito de verificar como ocorre o ensino das disciplinas relacionadas aos componentes físico-naturais do espaço geográfico na formação inicial. Foram aplicados 34 questionários, nas turmas dos 6º, 7º, 8º, 9º, 10º períodos do curso de Licenciatura em Geografia da UFPB. As respostas foram organizadas e interpretadas à luz do referencial teórico através da análise de conteúdo. Os dados da pesquisa apresentam o perfil do curso, assim como o perfil dos alunos em formação docente inicial do curso, além da abordagem dos componentes físico-naturais na formação inicial do curso de Licenciatura em Geografia da UFPB.

Palavras-chave: Formação inicial; Ensino de Geografia; Crise ambiental; Componentes Físico-naturais.

ABSTRACT

Geographic education has been gaining increasing prominence and concern regarding socio-environmental issues and the teaching of physical-natural components. The need for

contextualized, holistic, and interdisciplinary teaching enables the use of the term "physical-natural components" to describe the elements of the natural landscape—rock, relief, soil, climate, vegetation, rivers—worked in an integrated manner in the understanding of geographic space. It is worth noting that these topics are often studied in a Cartesian and dichotomized manner in teacher training programs, which compromises the teaching methods of geography teachers in elementary schools. Thus, this research seeks to understand how physical-natural components are taught in initial training for the Geography Bachelor's degree program at the Federal University of Paraíba (UFPB). To conduct the research, a bibliographical survey on the topics in question was initially conducted. A thematic questionnaire was then administered using Google Forms to some students in the program to assess how courses related to the physical-natural components of geographic space are taught in initial teacher training. Thirty-four questionnaires were administered to 6th, 7th, 8th, 9th, and 10th-semester classes of the Geography undergraduate program at UFPB. The responses were organized and interpreted in light of the theoretical framework through content analysis. The survey data present the profile of the program, as well as the profile of students in the initial teacher training program, in addition to the approach to the physical-natural components in the initial training of the Geography undergraduate program at UFPB.

Keywords: Initial training; Geography teaching; Environmental crisis; Physical-natural components.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa emerge da necessidade de verificar como se dá o ensino dos Componentes Físico-Naturais na formação inicial dos discentes do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A pesquisa também discute os novos conceitos empregados para definir alguns elementos do quadro físico-natural que compõem o espaço geográfico, entendido aqui, como objeto de estudo da Ciência Geográfica.

Investigar e discutir a formação inicial dos professores de Geografia é de fundamental importância, já que esses profissionais estarão atuando futuramente em diversas instituições de ensino de todo o território nacional, contribuindo para uma formação escolar de vários alunos nos mais diversos níveis de ensino, possibilitando assim, a construção do pensamento crítico através da educação geográfica.

Como já destacado anteriormente, deve-se salientar que a ciência geográfica tem como objeto de estudo para muitos autores, o espaço geográfico, que engloba a relação sociedade-natureza em totalidade e complexidade. No entanto, vale destacar que ao longo do pensamento geográfico vários objetos de estudos foram elencados para definir o escopo da Geografia. Nesse sentido, a relação sociedade x natureza é uma das tradições encontradas no pensamento geográfico que por muitas vezes foi estudada de forma dicotomizada, herança positivista, que

separou a geografia em duas grandes áreas: Geografia Física (Natureza) e Geografia Humana (Sociedade).

Silva (2007) destaca que ao dividir a geografia em dois campos de atuação, físico e humano, o geógrafo limita seu campo de trabalho. A visão dicotomizada e especializada da geografia, herança do positivismo como método de interpretação da realidade, criou uma visão míope e fragmentada da realidade e comprometeu o olhar geográfico da totalidade e complexidade do espaço.

Esse movimento de desagregação das ciências se consolida a partir da emergência do sistema capitalista e do surgimento do método positivista, liderado pelo filósofo francês Augusto Comte, em que acarretou na especialização das Ciências, apartando a ciência por áreas, que desenvolveram seus próprios métodos de estudos (Alves; Avelar 2021).

Ainda em relação a essa perspectiva de fragmentação do conhecimento, cabe mencionar as críticas de Morin (2021), em que o mesmo ressalta a separação dos saberes como uma inadequação, impossibilitando uma compreensão mais ampla da realidade. Além disso, o autor ainda destaca que essa fragmentação acaba sendo replicada nos sistemas de ensino, desde a educação primária, principalmente por meio das disciplinas, isolando os objetos, fazendo com que muitos alunos percam a aptidão de contextualizar os saberes e englobá-los. Para a Geografia, isso torna-se ainda mais problemático no âmbito da educação básica que tem como objetivo de ensino a formação dos estudantes em cidadãos que possam pensar e compreender criticamente o espaço através da educação geográfica.

É importante salientar, que o ensino de geografia ocorre de uma maneira distinta tanto no contexto da geografia escolar, quanto no contexto da geografia acadêmica. Nesse sentido Batista (2021) destaca a geografia escolar como uma leitura espacial do mundo, sendo proveniente da apropriação teórico-metodológica da formação do professor, e a geografia acadêmica como um conhecimento científico e mais institucionalizado.

Segundo Bento (2024), a Geografia escolar carece de superar a dicotomia existente entre a divisão dos subcampos da Geografia Física e da Geografia Humana, pois é por meio da integralização das mesmas, e com a compreensão integrada da relação sociedade e da natureza, que a Geografia faria sentido, na compreensão e leitura do espaço geográfico. Além disso, ainda de acordo com a autora, é importante também que esses conteúdos sejam trabalhados em conjunto com a realidade do aluno.

Quando comparada com a geografia acadêmica, que se apresenta mais fragmentada nos seus currículos, a geografia escolar deve ser trabalhada de uma maneira mais integrada, pensando na noção de espaço geográfico mais abrangente. Nesse sentido, a natureza e sociedade devem ser pensados de maneira conjunta, principalmente movida pelas problemáticas cotidianas.

Outrossim, com o objetivo de evitar uma dicotomização da Geografia, permitindo que os aspectos físico-naturais sejam trabalhados de forma integrada, Moraes; Roque Ascensão (2021) desenvolveram o conceito de “Componentes físico-naturais” para referenciar os elementos naturais que compõem o espaço geográfico, e que apresentam uma melhor inserção da relação sociedade-natureza. Dessa forma, os conteúdos da ciência geográfica, como: solos, relevo, rochas, hidrografia, clima, vegetação, entre outros, estariam inseridos nessa definição.

Sobre essa concepção, as autoras afirmam que:

A concepção de componente físico-natural advém de uma reflexão sobre o significado que esses termos assumem diante de um conceito que se quer dinâmico e processual. Nesse sentido, componente foi a terminologia utilizada para indicar composição, tecer junto. Significa, ao mesmo tempo, compor em sua individualidade, sem perder de vista o todo, integrar em seu coletivo e interagir a parte e o todo em um dado espaço geográfico (Moraes; Roque Ascensão, 2021, p.18).

No entanto, ainda são muitas as adversidades que permeiam o ensino dos componentes físico-naturais, dentre elas, Bento (2024) destaca a ausência da reflexão sobre os componentes físico-naturais com as questões sociais; a falta de uma formação continuada dos professores; assim como a presença de currículos ultrapassados, e que estão distantes do contexto dos estudantes e são dicotomizados na própria formação inicial docente.

Além disso, no contexto do ensino dos componentes físico-naturais, e também numa perspectiva do contexto dos alunos, Melo (2020) enfatiza a necessidade da recorrência das discussões acerca das temáticas físico-naturais, sobretudo nas academias. A autora ainda destaca o relevante papel que essas temáticas físico-naturais possuem para uma formação cidadã dos estudantes e na compreensão da crise ambiental

Portanto, é amparada na concepção dos componentes físico-naturais que essa pesquisa tem como objetivo geral compreender como ocorre o ensino dos componentes físico-naturais na formação inicial dos discentes do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A pesquisa também apresenta outros objetivos específicos, como: identificar o perfil dos estudantes do 6º ao 10º período do curso de Licenciatura em Geografia da UFPB; conhecer como ocorre a concepção dos componentes físico-naturais no curso por parte dos discentes; Entender como esses componentes físico-naturais são abordados pelos docentes ao longo do curso.

A pesquisa parte da premissa que na formação inicial dos alunos do curso de Licenciatura em Geografia da UFPB ainda prevalece uma formação dicotomizada da Ciência Geográfica.

Sobre a importância de uma pesquisa, Nobre; Passos; Pinheiro (2018) destacam como um dos pontos importantes que uma pesquisa pode proporcionar, a construção de uma capacidade reflexiva, principalmente em um contexto como o de um trabalho de conclusão de curso (TCC), na qual os procedimentos e as várias etapas para a elaboração da pesquisa colaboram para que o pesquisador reflita sobre a mesma, e sobre o seu cotidiano.

Dessa forma, deve-se destacar que a pesquisa é um momento muito importante na constituição da formação inicial docente, principalmente por tentar compreender como algumas práticas docentes ocorrem na formação acadêmica, no que se refere aos componentes físico-naturais, possibilitando uma reflexão sobre as práticas pedagógicas, contribuindo também para uma aproximação na relação entre a teoria e prática, além da construção de uma concepção crítica. Daí a importância da presente pesquisa na formação inicial do curso de licenciatura em Geografia da UFPB.

2. METODOLOGIA

2.1. Área de Estudo

A pesquisa foi realizada com os alunos das turmas do 6º, 7º, 8º, 9º, e 10º período do curso de Licenciatura em Geografia da UFPB. O curso de licenciatura em Geografia da UFPB, está concentrado nos blocos B1 e B2 do Departamento de Geociências, pertencente ao Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus I, estabelecida no bairro do Castelo Branco, município de João Pessoa/PB (Figura 1). O referido município apresenta área de aproximadamente 210,044 Km², bem como uma população estimada em 833.932 mil habitantes segundo o último censo do IBGE (2022), e geograficamente está inserido na mesorregião do litoral do estado da Paraíba, na região geográfica intermediária de João Pessoa, e na região imediata de João Pessoa.

Figura 1 (Campus I, UFPB)

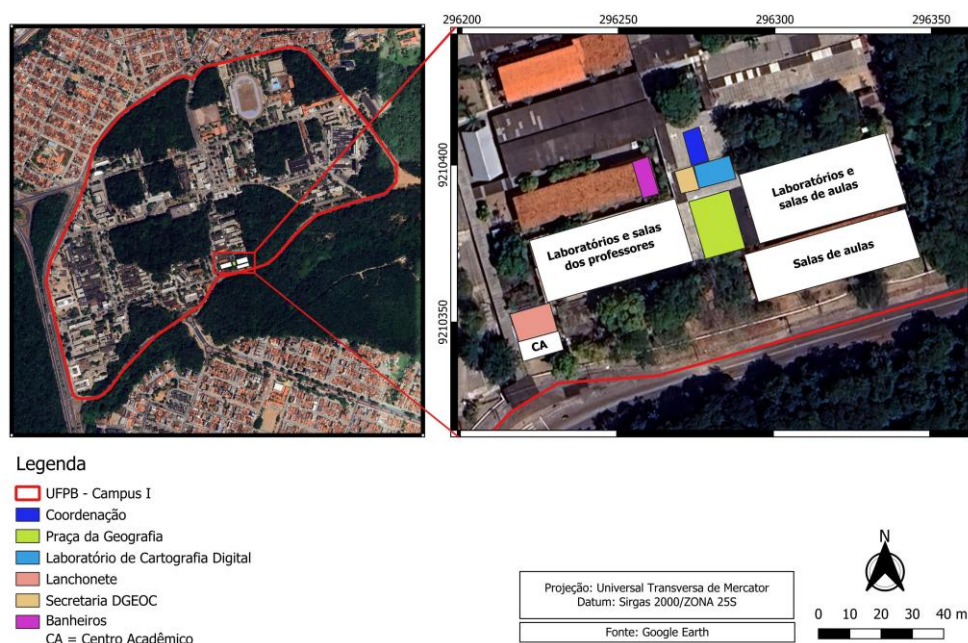


Figura 1 – Estrutura Curso de Geografia da UFPB; **Fonte:** Google Earth; **Organização:** Jerferson Lima, 2025.

2.2. Caracterização da Pesquisa

Essa pesquisa se caracteriza como uma pesquisa qualitativa. Quanto à sua natureza é considerada básica, pois busca uma compreensão e reflexão acerca do ensino dos componentes físico-naturais na formação inicial do curso de Licenciatura em Geografia da UFPB. Quanto ao seu objetivo, é considerada descritiva, pois busca a descrição do fenômeno. A pesquisa ainda se caracteriza como um estudo de caso a ser realizado com discentes do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Como instrumento de coleta de dados, será utilizado o questionário temático que será interpretado à luz do referencial teórico, utilizando a técnica de análise de conteúdo de Bardin para às respostas subjetivas. (Análise [...], 2020) a análise de conteúdo de Bardin surgiu por meio de Laurence Bardin, tornando-se um método para a análise qualitativa, sendo dividida em algumas etapas, como a pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos dados, e a interpretação.

2.3. Procedimentos Metodológicos

Em relação aos procedimentos metodológicos, inicialmente com a definição do tema, foi realizada a pesquisa bibliográfica por meio de artigos científicos, livros, teses, dissertações, e entre outros, na qual foram selecionados para um melhor amparo teórico na mesma.

Em seguida, foi realizada a aplicação de instrumento de coleta de dados do tipo questionário com questões objetivas e discursivas, por meio da plataforma *Google Forms*, através de um link enviado por e-mail, através da coordenação do curso, e pelo aplicativo multiplataforma de mensagens, o *Whatsapp*, para 39 discentes do curso de Licenciatura em Geografia com ingresso referente aos períodos 2020.2; 2021.2; e 2022.2, na qual foram obtidos 34 questionários respondidos. Vale ressaltar, que a soma do ingresso inicial de discentes nesses três períodos corresponde a 120 discentes, no entanto, ao decorrer do curso muitos desses discentes acabam desistindo ou truncando o vínculo com o curso, assim ficando um quantitativo menor de estudantes.

Após a finalização dos questionários, os dados foram apurados, através da aba respostas do aplicativo *Google Forms*, em seguida manipulados com a elaboração de gráfico pelo próprio *Google Forms*, para as perguntas objetivas, e também através de softwares como o *Excel* para serem enquadrados e organizados. Já nas respostas subjetivas, as mesmas foram apuradas também pela aba respostas do *Google Forms*, e em seguida transferidas em um bloco de notas, com a finalidade de serem analisadas por meio da análise de conteúdo de Bardin. Feito estes procedimentos, posteriormente os resultados foram organizados e postos para uma melhor apresentação e interpretação dos mesmos na pesquisa à luz do referencial teórico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Perfil do Curso de Licenciatura em Geografia da UFPB

O curso de geografia da UFPB tem seu início na década de 1950, passou a existir junto ao Curso de História, na então, Faculdade de Filosofia da Paraíba (FAFI), sendo reconhecido somente pelo Decreto nº. 38.146 de 25 de outubro de 1955, período em que a Universidade da Paraíba é fundada, ainda sob a organização e o financiamento do Estado da Paraíba, para ter sua federalização apenas em 1960, se efetivando como Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Após alguns anos, o curso de Geografia se separa do de história, passando a formar exclusivamente bacharéis, proporcionando também uma habilitação em licenciatura para os que se interessassem em cursar disciplinas pedagógicas (UFPB, 2016).

No início da década de 1960, a licenciatura passa a ser a única modalidade do curso, já que devido a uma reforma ocorrida na estrutura do curso, ocasionou na extinção do bacharel por uns nove anos (Silva, 2023). Com mais uma reforma implantada no final da década de 1960, houve a extinção da FAFI, e a criação de vários institutos centrais, e com isso o bacharel retoma no início da década de 1970, ficando ao lado da licenciatura (UFPB, 2016).

Posteriormente, antes das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) de 2002, o curso passou por algumas reformas no currículo, como a de 1980 e 1998. O de 1998, normatizado pela resolução Nº 05/1998 do CONSEPE, possuía uma

formação para o bacharelado, com 2400 horas de atividades, ficando a licenciatura como uma complementação opcional ao final do bacharel, que correspondia a 555 horas de atividades específicas para a licenciatura (Assis; Silva, 2022).

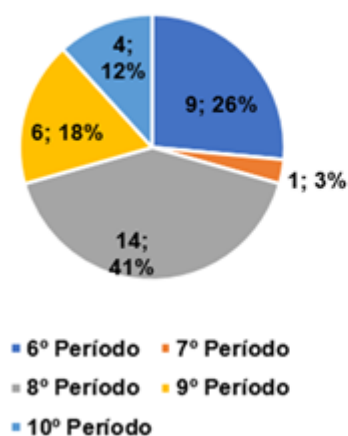
Após muitas críticas ao currículo de 1998, devido a licenciatura ser apenas um complemento, e também por está em desacordo com as DCN de 2002, o currículo de 1998 é substituído pelo de 2016 (currículo atual), assim ocasionando na independência dos cursos, Bacharelado (regulamentado pela resolução CONSEPE Nº 50/2016) e a Licenciatura (regulamentado pela resolução CONSEPE Nº 08/2016), na qual o bacharel possui ingresso no primeiro semestre do ano, com 40 vagas, e a licenciatura apresenta um ingresso no segundo semestre do ano, com também 40 vagas, em que possui uma carga horária de 3015 horas, ou 201 créditos (Assis; Silva, 2022).

3.2. Perfil do aluno em formação docente inicial no curso de Geografia da UFPB

A partir da aplicação dos questionários realizados com discentes do curso de Licenciatura em Geografia da UFPB com ingresso nos períodos 2020.2, 2021.2, e 2022.2, foram consultados 34 estudantes, onde 14 estudantes (41%) afirmaram estar cursando o oitavo período, 9 estudantes (26%) o sexto período, 6 estudantes (18%) o nono período, 4 estudantes (12%) o décimo período, e apenas 1 estudante (3%) o sétimo período, como ilustra a Figura 2A.

De início se buscou compreender o perfil desses estudantes para uma melhor compreensão de suas respostas. Dos 34 estudantes consultados, se constatou que a idade dos mesmos variava de 21 anos até 52 anos de idade (Figura 2B), sendo que a faixa etária de 22, 23, e 24 anos aparecem mais vezes, juntos contabilizando 15 estudantes.

A - Atual Período Cursado



B - Idade

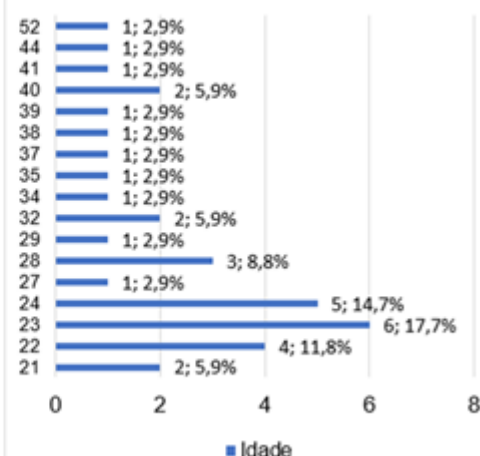


Figura 2 - (A): Atual Período; (B): Idade. **Fonte:** Respostas do Questionário.

No que se refere ao sexo dos entrevistados, das 34 respostas, 25 estudantes (74%) são do sexo masculino, e 9 estudantes (26%) desses entrevistados são do sexo feminino (Figura 3A). Assim ficou evidente que o público predominantemente é composto por estudantes do sexo masculino, isso também é perceptível em outras turmas do curso.

Outrossim, ainda foi perguntado a cor autodeclarada pelos discentes entrevistados, na qual, dos 34 discentes entrevistados, 19 discente (56%) se declararam pardos, 12 discentes (35%) se declararam brancos, e 3 discentes (9%) se declararam pretos, como mostra a Figura 3B.

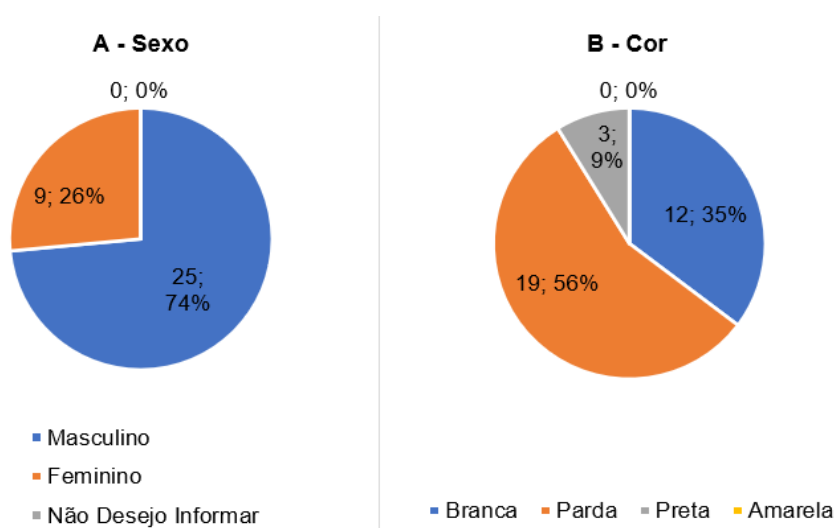


Figura 3 – (A): Sexo; (B) Cor. **Fonte:** Respostas do Questionário.

Ademais, foi perguntado aos 34 discentes entrevistados em qual Estado e Município residiam. O estado da Paraíba é o que mais possui estudantes residindo, 32 estudantes (94.1%), sendo maioria absoluta, e 2 estudantes (5,9%) declararam que residem no estado vizinho, Pernambuco (Figura 4).

Em relação aos municípios de residência dos discentes consultados, a maioria deles se concentram na Mesorregião da Mata Paraibana, sendo a capital João Pessoa a que possui o maior número de discentes residindo 18 (52,9%), seguida por Santa Rita com 5 discentes (14,7%), Pedras de Fogo com 2 discentes (5,9%), Bayeux, Cabedelo, Conde, Capim, Cruz do Espírito Santo, Pilar, e Sapé, apresentaram cada uma 1 discente (2,9%). Já em relação aos municípios de residência do estado de Pernambuco, Camutanga, e Itambé, localizados na Zona da Mata Norte, fazendo divisa com a Paraíba, apareceram cada uma como residência de 1 discente (2,9%), como bem ilustra a Figura 4. Silva (2023) também destaca que o curso de Geografia da UFPB atende estudantes de uma boa parcela das cidades que compõem a região geográfica intermediária de João Pessoa, e da

região geográfica imediatas de João Pessoa, Rio Tinto, Mamanguape, Guarabira, e Itabaiana. Esses dados acabam refletindo a centralidade do curso de Geografia, já que é o único curso de Geografia da UFPB, e praticamente o único curso de Geografia do litoral paraibano que oferece as duas habilitações: Bacharel e Licenciatura.

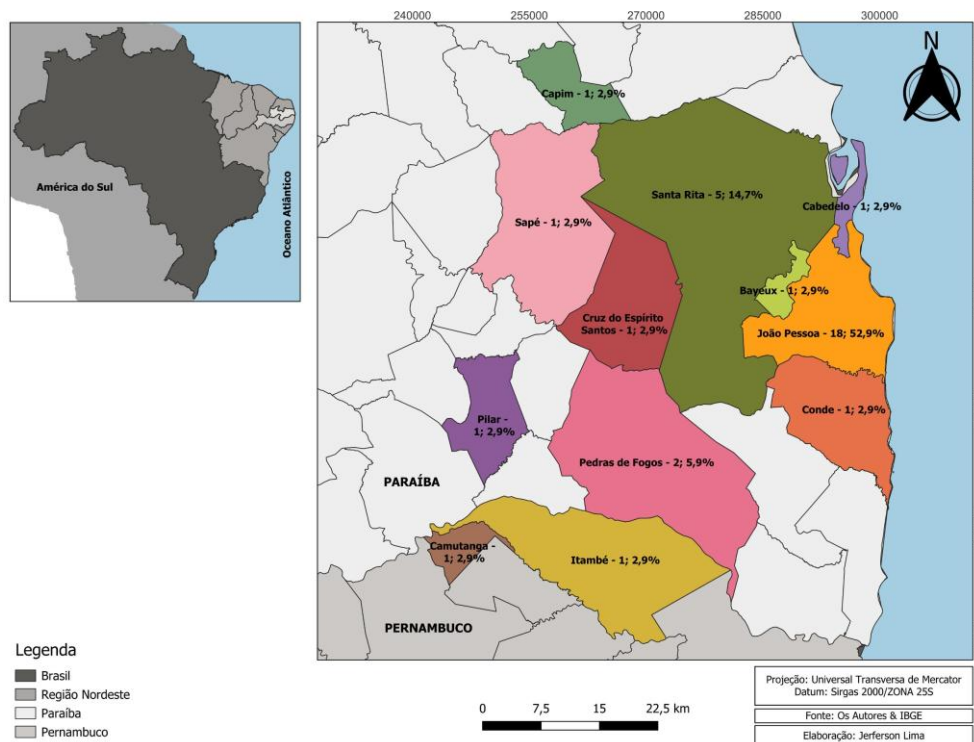


Figura 4 – Estados e Cidades pertencentes aos discentes consultados; **Fonte:** Dados da pesquisa.

É importante salientar que muitos desses estudantes advindos de outros domicílios fora de João Pessoa, se deslocam quase que diariamente para a UFPB, Campus I, fazendo uma migração pendular (Silva, 2023). Geralmente esses estudantes realizam essa migração através de transportes fornecidos pelas prefeituras dos determinados municípios, em que muitos acabam enfrentando longas jornadas de viagens para frequentar o curso. Souza; Zasso (2023) destacam que a migração pendular caracteriza-se como movimentos de fluxos diário e constante, sendo concebidas devido a precarização do trabalho, serviços de saúde, educação, entre outros em municípios de origem.

No que diz respeito ao grau de formação escolar básica dos discentes entrevistados, foi perguntado aos mesmos onde cursaram o ensino fundamental (6º ao 9º ano). Dos 34 entrevistados, 29 estudantes (85%) declararam terem feito o ensino fundamental exclusivamente em escolas públicas, 2 estudantes (6%) declararam terem feito o ensino fundamental em escolas exclusivamente

privadas, e 3 estudantes (9%) declaram ter estudado em escolas públicas e privadas, como bem ilustra a Figura 5A. Percebe-se que a maioria dos estudantes são oriundos de escolas públicas.

Já em relação à formação escolar do ensino médio, dos discentes, das 34 respostas, 30 estudantes (88%) expressaram ter estudando em escolas exclusivamente públicas, 3 estudantes (9%) expressaram ter estudado em escolas exclusivamente privadas, e 1 estudante (3%) expressou ter estudado em escola pública e privada, como está ilustrado na Figura 5B. Idem a formação de escolaridade fundamental: Oriundos de escolas públicas na sua maioria.

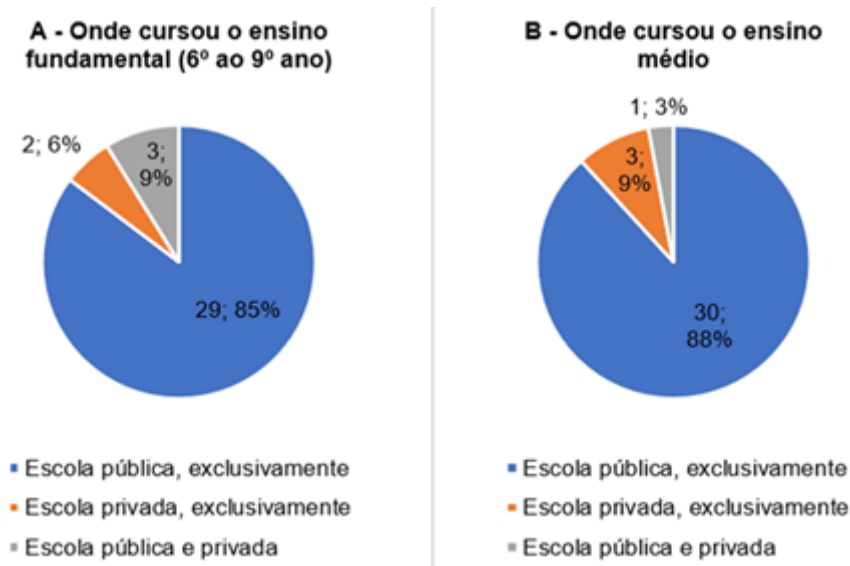


Figura 5 – (A): Ensino Fundamental; (B) Ensino Médio. **Fonte:** Respostas do Questionário.

No questionário também foi abordada a questão do trabalho enquanto cursa a graduação, como está presente na Figura 6, e das 34 respostas, 13 estudantes (38%) afirmaram que trabalham durante todo o curso, 10 estudantes (29%) declararam que trabalharam na maior parte do curso, 4 estudantes (12%) afirmaram que trabalharam na menor parte do curso, e 7 estudantes (21%) informaram que não trabalharam enquanto cursam a graduação. Verifica-se a necessidade de conciliar o trabalho e a academia o que dificulta muitas vezes a inserção desses discentes em projetos de pesquisa, extensão, e ensino.

Figura 6 - Trabalha enquanto cursa a Licenciatura**Figura 6** - Trabalha enquanto faz Licenciatura. **Fonte:** Respostas do Questionário.

Historicamente, boa parte dos discentes dos cursos noturnos são de alunos trabalhadores, principalmente às licenciaturas, em que boa parte dos cursos são no período noturno. Além disso, deve se destacar que a ampliação do ensino superior no Brasil também colaborou para tal fato, no qual, Dias; Santos; Vian (2023) apontam que políticas como o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), o Programa Universidade Para Todos (Prouni), o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), e os programas de Cotas, possibilitaram além das expansão das Instituições de Ensino Superior no Brasil, permitiram também a democratização do acesso a mesma, para diversas classes da sociedade.

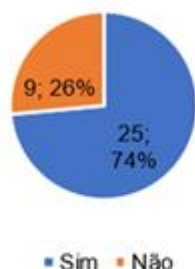
3.3. Abordagem dos componentes físico-naturais na formação inicial

Nesse tópico buscou-se analisar como sucede o ensino dos componentes físico-naturais, baseado nas formulações de Moraes; Roque Ascensão (2021), com discentes da formação inicial de algumas turmas do curso de Licenciatura em Geografia da UFPB.

A priori, foi perguntado aos estudantes se os mesmos já conheciam a conceituação dos “Componentes Físico-Naturais”. Das 34 respostas, como mostra a Figura 7A, 25 estudantes (74%) responderam que sim, e 9 estudantes (26%) responderam que não. Assim evidenciando que a maioria dos discentes já conheciam tal conceituação. Esses números acabam corroborando com Moraes; Roque Ascensão (2021) quando as autoras ressaltam uma virada teórica que ocasionou na consolidação das pesquisas sobre a Geografia Escolar, assim também contribuindo para um interesse acerca de várias temáticas, entre elas está o ensino dos componentes físico-naturais. Essa virada teórica começa chegar na Academia suscitando alguns debates epistemológicos.

Em seguida, foi perguntado aos estudantes se até o atual período cursado por eles, os mesmos cursaram componentes curriculares relativos ao quadro natural, relacionados a solos, relevo, rochas, hidrografia, clima, vegetação e entre outros, como bem mostra a Figura 7B. Dos 34 estudantes consultados, 33 estudantes (97%) declararam que sim, e 1 estudante (3%) declarou que não. Esses números já eram esperados, principalmente por se tratar de estudantes que já estão com mais da metade da graduação, e as disciplinas do quadro natural aparecem com mais frequência, seguindo o fluxograma do curso, nos primeiros períodos do curso.

A - Já conhecia essa conceituação: "Componentes Físico-Naturais"?



B - Até o seu atual período, na graduação, você cursou disciplinas relativas ao quadro natural?



Figura 7 – (A) Conceituação dos Componentes físico-naturais; (B): Disciplinas do Quadro natural até o atual período. **Fonte:** Respostas do Questionário.

Outrossim, com o intuito de compreender quais dessas disciplinas do quadro natural esses estudantes cursaram, as que mais apareceram nas respostas dos questionários foram: Geomorfologia 25 vezes; Pedologia 24 vezes; Biogeografia 22 vezes; Hidrogeografia 22 vezes; Geologia 21 vezes; Climatologia 19 vezes; Bases Naturais do Brasil 13 vezes; e outras disciplinas 12 vezes, como apresenta a Figura 8.

**Figura 8 - Disciplinas do Quadro Natural
Cursadas durante a Graduação**

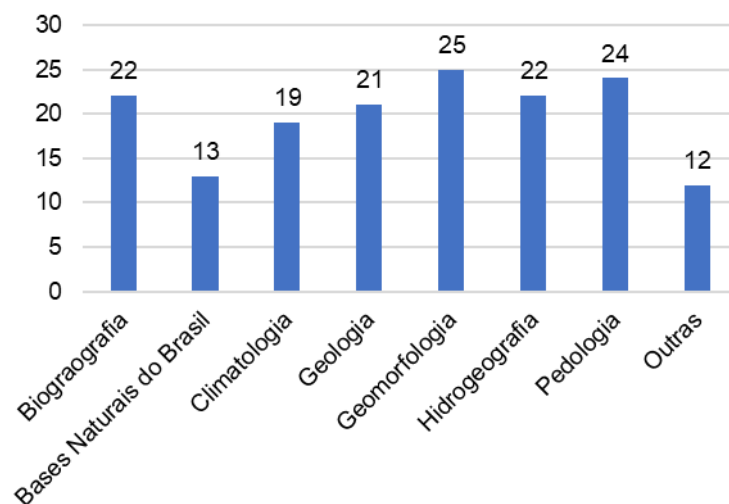


Figura 8 – Disciplinas do quadro natural cursadas durante a graduação. **Fonte:** Respostas do Questionário.

Posteriormente, amparado na conceituação “Componentes físico-naturais” de Moraes; Roque Ascensão (2021) para indicar os elementos naturais que compõem o espaço geográfico, e que apresentam uma melhor inserção da relação sociedade-natureza, foi perguntado aos estudantes se estas disciplinas ministradas ao longo do curso se apresentaram de forma dicotomizada, ou integrada. Das respostas obtidas, ao menos 14 responderam de forma integrada, 7 responderam de forma dicotomizada, e 7 responderam que algumas de forma integrada e outras de forma dicotomizada. Deve-se ressaltar, que alguns dos discentes que responderam de “forma integrada”, afirmaram que alguns conteúdos foram abordados articulados no contexto local, assim corroborando com Bento (2024), quando a autora ressalta a importância de se trabalhar o ensino dos componentes físico-naturais em conjunto com a realidade dos alunos. Por meio desses dados, é possível também constatar as transformações significativas geradas pelas mudanças sofridas na estrutura curricular do curso, como já foram destacadas por (Assis; Silva, 2022), e como também pelo ingresso no curso de docentes com formações mais vinculadas à área de ensino e experiência pedagógica na educação básica.

Nessa perspectiva, ainda se buscou compreender se a formação na graduação tem contribuído para o professor iniciante trabalhar temas como relevo, rochas, solos, hidrografia, clima, vegetação, de forma integrada com os aspectos sociais na escola básica, na qual, das 34 respostas, 25 graduandos (74%) responderam que sim, e 9 graduandos (26%) responderam que não como mostra a Figura 9A.

Vale reforçar a importância dessas temáticas físico-naturais para uma formação cidadã, através de conteúdos como relevo, solos, rochas e entre outros. Esses conteúdos necessitam ser abordados por meio dos professores de uma maneira que possibilite os estudantes entenderem as dinâmicas que ocorrem em cada um deles, da dinâmica existente entre eles, e também como esses se constituem com a sociedade (Morais, 2011).

Além do mais, o cotidiano dos alunos deve ser entendido baseado na relação que eles fazem com esses componentes, assim como a relevância dos mesmos para a cidadania. Dessa forma, os alunos poderão compreender o mundo numa visão totalizante, entre o físico-natural e o social (Morais, 2011).

Ainda, esses conteúdos como (relevo, solos, rochas) também devem ser trabalhados por meio de questões problematizadoras do cotidiano, que sejam relevantes, assim colaborando para uma motivação dos estudantes para aprenderem (Morais, 2011).

Ainda com relação ao ensino dos componentes físico-naturais, como apresenta a Figura 9B, foi perguntado aos discentes se das disciplinas que os mesmos cursaram na graduação e envolveram (solos, relevo, rochas, hidrografia, clima, vegetação, e entre outros) alguma(s) dela(s) houve algum conteúdo articulado com o tema de ensino dos componentes físico-naturais, em que das 34 respostas, 26 estudantes (76%) responderam que sim, e 8 estudantes (24%) responderam que não.

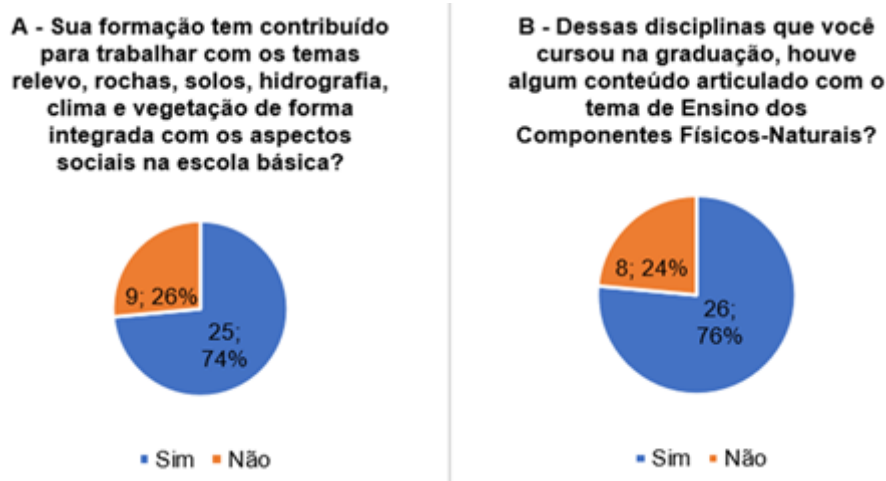


Figura 9 – (A): A formação tem contribuído para trabalhar com temas do quadro natural de forma integrada com os aspectos sociais na escola básica; (B): Das disciplinas cursadas na graduação, houve algum tema articulado com o ensino dos componentes físico-naturais. **Fonte:** Respostas do Questionário.

Esses dados podem constatar algo positivo, já que mostra uma formação mais articulada com o ensino. Nesse contexto, deve-se salientar também, como

destacam Assis; Silva, (2022), que por mais de 18 anos o curso de Geografia da UFPB foi regido por um currículo de 1998 voltado para uma formação técnico-científica, formando bacharéis em Geografia, possuindo uma carga horária de 2.400 horas de atividades, distribuídas entre componentes curriculares mínimos, componentes complementares obrigatórios, e componentes complementares optativos, e para os discentes que ao final do curso desejassem cursar a licenciatura, a coordenação fornecia uma matrícula na licenciatura, para o complemento de alguns componentes curriculares que somaram uma carga horária de 555 horas de atividades, na qual se tinha disciplinas como, Didática, Introdução à Sociologia, Prática de Ensino I e II, e entre outras. Assim evidenciando a formação bacharelesca como prioridade, e a licenciatura como um mero complemento.

No entanto, após mais de 18 anos vigorando, o PPC de 1998, que colocava a licenciatura apenas como uma complementação opcional ao Bacharelado, e estando desatualizado de acordo com a legislação, é substituído no ano de 2016 pelo novo PPC nos cursos de Geografia, o PPC de 2016, tendo como marcos legais a DCN 2002 e a resolução dos cursos de graduação da UFPB (Resolução CONSEPE Nº 16/2015), assim separando os cursos do Bacharelado e da Licenciatura, efetivando a formação de licenciado em geografia (Assis; Silva, 2022).

Com o novo PPC, a carga horária da licenciatura passou para 3015 horas/ aula, sendo no período noturno, com uma duração mínima de nove períodos, e o máximo de catorze períodos. Além disso, esse novo currículo pensa a formação de um profissional com uma formação científica e pedagógica, apto a desempenhar uma função crítica e eficiente nas turmas do ensino fundamental e médio (Assis; Silva, 2022). A reformulação do currículo novo, bem como, a chegada de novos professores permitiu o início dessas discussões e virada teórica/epistemológica.

Ademais, em relação ao questionário aplicado aos discentes da Geografia (Licenciatura) da UFPB, ainda procurou-se compreender uma questão que está em evidência na atualidade, que é a Crise Ambiental. Ferreira; Rosa (2021) destacam que pesquisas comprovam que a ação econômica tem concebido ao meio ambiente vários danos que trazem dúvidas quanto às condições da manutenção da vida no planeta. Nesse contexto, perguntado aos discentes, como mostra a Figura 10, se nas disciplinas cursadas pelos mesmos e que eram relacionadas ao quadro natural, trataram da Crise Ambiental de forma integrada e interdisciplinar, das 34 respostas, 20 (59%) responderam que sim, e 14 (41%) responderam que não.

Figura 10 - As disciplinas cursadas na graduação relacionadas ao quadro natural, trataram da crise ambiental de forma integrada e interdisciplinar?

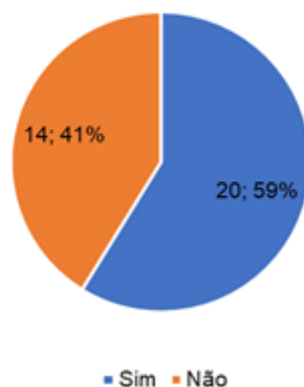


Figura 10 – Disciplinas do Quadro Natural tratam da Crise Ambiental de forma integrada e interdisciplinar. **Fonte:** Respostas do Questionário.

Mesmo com um maior quantitativo de estudantes afirmando que a crise ambiental foi abordada no curso de forma integrada e interdisciplinar, percebesse um quantitativo ainda considerável de respostas que afirmaram que a crise ambiental não foi trabalhada de forma integrada e interdisciplinar. Assim sendo, é importante que esses dados sejam refletidos, já que segundo Ferreira; Rosa (2021) as consequências da crise ambiental necessitam de ações coletivas e individuais, para serem superadas ou minimizadas. Isso abre espaço para novas investigações na formação inicial docente.

Além do mais, ainda são muitos os que não reconhecem a crise ambiental. No entanto, outras pessoas agem mais de forma eficiente, buscando ações preventivas, e que possam minimizar os problemas gerados pela crise ambiental. Entre esses problemas, podem ser elencados a urbanização acelerada; desmatamentos e defaunação; alteração na qualidade e quantidade de água; aquecimento global; mudanças climáticas, e entre outros (Ferreira; Rosa, 2021).

Ainda nessa seara da Crise Ambiental, foi perguntado quais temáticas ambientais foram abordadas em sala de aula, e como elas são trabalhadas didaticamente em sala de aula, na qual, as Mudanças Climáticas; o Aquecimento Global; os Desmatamentos; a Degradação; e Erosão, foram as mais mencionadas. Além disso, com relação à maneira didática de como essas temáticas foram trabalhadas em sala de aula, onde alguns alunos se manifestaram alegando que algumas dessas eram trabalhadas de forma diversificada, com vídeos; textos; slides; aulas de campo; e entre outras; outros explanaram terem visto com uma linguagem mais técnica e expositiva; e outros também destacaram que algumas foram trabalhadas de uma forma integrada com o cotidiano dos alunos, que isso acaba sendo algo importante para o ensino da Geografia.

Manfio (2021) ressalta o papel importante da Geografia ao abordar o Meio Ambiente, já que é por meio dela que podemos realizar um exame crítico da relação sociedade e natureza. Assim, deve-se destacar também o papel importante que os componentes físico-naturais proporcionam para uma compreensão de temas do quadro natural, proporcionando também uma visão crítica acerca da crise ambiental.

Afonso (2013) frisa o importante papel dos professores de Geografia para a orientação das informações relacionadas à interação de maneira sustentável e segura entre a sociedade e a dinâmica ambiental, proporcionando uma prevenção dos riscos dos eventos geomorfológicos e climáticos, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, com essa pesquisa, procurou-se realizar uma discussão acerca do ensino dos componentes físico-naturais, no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), já que esse, por ser um tema relativamente recente, é de fundamental importância para o ensino de Geografia, e para evitar a dicotomização que ocorre na própria Ciência Geográfica com rebatimentos na Geografia Escolar.

Diante da análise das informações extraídas dos questionários disponibilizado aos discentes de algumas turmas do curso, a priori foi possível conhecermos o perfil desses estudantes que estão na formação inicial, e em seguida uma compreensão a partir da percepção dos discentes, de como vem ocorrendo o ensino dos componentes físico-naturais no curso de Licenciatura em Geografia da UFPB. Na qual, em relação ao perfil dos estudantes, 94,1% dos discentes residem no estado da Paraíba, e os outros 5,9% residem no estado de Pernambuco; 74% dos discentes são do sexo masculino, e 26% do sexo feminino; sendo 56% de cor parda, 35% de cor branca, e 9% de cor preta; além da maioria desses discentes serem de escolas pública; e estarem cursando do 6º até o 10º período.

A partir do diagnóstico dos questionários, foi possível constatar que de acordo com mais de 70% dos estudantes a formação inicial na graduação tem contribuído para trabalhar os componentes físico-naturais (solo, rochas, relevo, clima, vegetação, hidrografia, e entre outros) de forma integrada com os aspectos sociais, em sala de aula na educação básica, e além disso, esse quantitativo também afirmou que as disciplinas do quadro natural foram articuladas com o tema de ensino dos componentes físico-naturais.

Pelos dados da abordagem do componentes físico-naturais e das contribuições dos mesmos para se trabalhar disciplinas do quadro natural, além dos outros também apresentados no trabalho, podemos constatar como algo positivo, pois revela que nesse quesito do ensino dos componentes físico-naturais, o curso de Licenciatura em Geografia da UFPB vem trabalhando esses componentes de uma maneira mais integrada entre natureza x sociedade, e também com a área de

ensino. Assim como também as questões voltadas a Crise Ambiental, já que essa está em voga, e também pela mesma ser um produto da relação sociedade e natureza, nada melhor do que o amparo no ensino dos componentes físico-naturais para se debruçar sobre ela, apesar de que houve um quantitativo considerável quanto à ausência da abordagem de forma integrada e interdisciplinar acerca da Crise Ambiental, assim merecendo uma reflexão acerca da mesma.

Além do mais, esses dados evidenciam também as mudanças ocorridas no currículo do curso, que ocorreram em 2016, separando os cursos de Bacharelado e da Licenciatura, e assim possibilitando uma formação voltada para profissionais da educação, com disciplinas específicas para o ensino, além de também trabalhar as demais disciplinas do quadro natural articuladas com o ensino. Também deve-se destacar que a chegada de novos professores com uma formação atrelada a área do ensino no corpo docente do curso e experiência pedagógica na educação básica contribuíram para tal perspectiva.

Portanto, tal pesquisa colaborou para investigar algumas práticas de ensino e aprendizagem, sobretudo no âmbito da formação de professores de Geografia, além de também contribuir para a construção de uma reflexão, e do pensamento crítico, principalmente por parte dos estudantes consultados no questionário. Outras pesquisas precisam acompanhar essa discussão e reflexão na formação inicial do professor de Geografia.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Anice. Contribuição da Geografia Física e da Educação Ambiental na Formação de Professores de Geografia a Partir do Estudo de Bacias Hidrográficas em Áreas Urbanas. *Revista Tamoios*, São Gonçalo, v. 9, n. 1, 2013. DOI: 10.12957/tamoios.2013.4874. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/tamoios/article/view/4874>. Acesso em: 09/09/2025.

ALVES, Vitor Alfredo de Rezende; AVELAR, Gilmar Alves de. Fragmentação do Conhecimento e seus Reflexos na Geografia: a dicotomia Geografia Física e Geografia Humana. *Espaço em Revista, Catalão*, v. 23, n. 1, p. 101–122, 2021. DOI: 10.70261/er.v23i1.67593. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/espaco/article/view/67593>. Acesso em: 06/06/2025.

ANÁLISE de Conteúdo da Bardin / Pesquisa qualitativa no Mestrado e Doutorado. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (9:52 min.). Publicado pelo Canal Acadêmica. Disponível em: <https://youtu.be/ik0vfQZe0oo?si=1AB68-Qn1YsnFVhD>. Acesso em: 31/08/2025.

ASSIS, Lenilton Francisco de; SILVA, Mayanne Gomes da. Formação de Professores de Geografia na UFPB: As Mudanças das Práticas de Ensino para os Estágios

Teórico-Práticos. In: ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de; ASSIS, Lenilton Francisco de; MORAIS, Nathália Rocha (org.). Formação de professores de geografia na Paraíba: avanços e resistências na reforma curricular. João Pessoa: Editora do CCTA, 2022, p. (170-198).

BENTO, Gabriela de Godoi. Entre a geografia física, a formação de professores e a geografia escolar: abismos, pontes e caminhos. 2024. 138 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Ba, 2024.

DIAS, Lázaro Cesar; SANTOS, Priscila Soares dos; VIAN, Carlos Eduardo de Freitas. Evolução do Ensino Superior no Brasil: Da Expansão do Acesso às Condições de Permanência. Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE - Ano XXV, Salvador - BA, n. 54, p. 232 – 257, Jan./Dez. 2023. Disponível em <https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/7587#:~:text=de%20Freitas%20Vian-Resumo,esfor%C3%A7os%20necess%C3%A1rios%2C%20mas%20ainda%20insuficientes>. Acesso em: 21/08/2025.

BATISTA, Edimar Eder. Geografia Escolar, Educação Geográfica, Autonomia Docente e Questão Conceitual: tecendo ligações. Revista Brasileira de Educação em Geografia, [S. l.], v. 11, n. 21, p. 05–27, 2021. DOI: 10.46789/edugeo.v11i21.1035. Disponível em: <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/1035>. Acesso em: 10/09/2025.

FERREIRA, Vanderlei de Oliveira; ROSA, Rafael Mendes. A Crise Ambiental Global: Conjuntura e Interpretações. Caminhos de Geografia, Uberlândia, v. 22, n. 84, p. 187–199, 2021. DOI: 10.14393/RCG228456976. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/56976>. Acesso em: 08/09/2025.

MANFIO, Vanessa. O Ensino de Geografia sobre a Questão Ambiental: uma contribuição para o ensino fundamental. Revista Educação Geográfica em Foco, Rio de Janeiro, v. 5 n. 10, p. 1-13, out/2021. Disponível em: <https://periodicos.puc-rio.br/revistaeducacaogeograficaemfoco/article/view/1531/891>. Acesso em 08/09/2025.

MELO, Jéssica Dayane Ribeiro de. O Ensino das Temáticas Físico-Naturais na Formação Inicial do Professor de Geografia. In. Fórum Nacional NEPEG de Formação de Professores, 4. 2020. Anais, 2020, p. 535-544.

MORAIS, Eliana Marta Barbosa de. As Temáticas Físico-naturais no Ensino de Geografia e a Formação Para a cidadania. Revista virtual · Geografía, cultura y educación, nº 2, 2011, p.194-204. Disponível em: <https://nepeg.com/artigos/as->

tematicas-fisico-naturais-no-ensino-de-geografia-e-a-formacao-para-a-cidadania/. Acesso em: 08/09/2025.

MORAIS, Eliana Marta Barbosa de; ROQUE ASCENÇÃO, Valéria de Oliveira. Uma Questão Além da Semântica: Investigando e Demarcando Concepções Sobre os Componentes Físicos-naturais no Ensino de Geografia. *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v. 41, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/65814>. Acesso em: 06/06/2025.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução de Eloá Jaconiba. – 27ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

NOBRE, Isaura Alcina Martins; PASSOS, Marize Lyra Silva; PINHEIRO, Midiam Silva. Importância da Pesquisa na Formação Docente para a Prática Pedagógica Reflexiva. *Revista Eletrônica Debates em Educação Científica e Tecnológica*, [S. l.], v. 8, n. 01, 2018. DOI: 10.36524/dect.v8i01.1053. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/dect/article/view/1053>. Acesso em: 21/07/2025.

UFPB. Universidade Federal da Paraíba. Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Geografia. João Pessoa: UFPB, 2016.

SILVA, Mayanne Gomes da. A formação inicial do professor de geografia na: o olhar dos egressos sobre o currículo de 2016. Dissertação de Mestrado. UFPB, João Pessoa-PB, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/34161>. Acesso em: 02/09/2025.

SILVA, Sérgio Henrique Pinto. Geografia Física e Geografia Humana: uma dicotomia a ser superada? *Outros Tempos*, Catalão – GO, v. 4, n. 4, p. (40 – 49), 10 de janeiro de 2007. Disponível em: https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uma/article/view/411. Acesso em: 06/06/2025.

SOUZA, Adeline; ZASSO, Carla. Professor Migrante Pendular: Contratempos da contemporaneidade. *Educação Básica Revista*, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 55–68, 2023. Disponível em: <https://educacaobasicarevista.com.br/index.php/ebr/article/view/133>. Acesso em: 08/09/2025.